



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com representantes do setor odontológico**

**Palácio do Planalto, 24 de maio de 2006**

Vocês sabem que eu estou sem o discurso, por escrito, então significa que vai ser rápido, aqui.

Primeiro, eu queria, meu caro companheiro Agenor, ministro da Saúde,

Meu querido companheiro Humberto Costa, ex-ministro da Saúde,

Meus caros deputados Henrique Fontana, André Zacharow, Colombo e Geraldo Tadeu,

Meus caros prefeitos, Élcio Fiori de Godoy, da Instância Hidromineral de Lindóia; Valderéz Castelo Branco Martins, de Araguaína; José Mário de Faria, da Instância de Socorro; e Vanderlei Brolesi, de Monte Alegre do Sul,

Meu caro Gilberto Alfredo Pucca Júnior, coordenador da Saúde Bucal do Ministério da Saúde,

E meu caro Miguel Álvaro Santiago Nobre, presidente do Conselho Federal de Odontologia, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os representantes das entidades aqui presentes,

Minhas amigas e meus amigos,

Ontem, por acaso, eu me lembrei de um fato, na inauguração de um trecho da Ferrovia Norte-Sul, lá em Tocantins, e eu voltei a 1989, quando disputei, pela primeira vez, a Presidência da República. Depois daquela eleição, eu descobri o quanto era difícil alguém governar o Brasil se não conhecesse o quanto era heterogênea a sociedade brasileira, na sua feição, mas, também, nas suas necessidades. Porque, muitas vezes, a gente pensa o Brasil de Brasília, a gente pensa o Brasil de São Paulo, a gente pensa o Brasil de Monte Alegre do Sul, ou pensa o Brasil de qualquer outro estado, ou seja,



cada um tem uma realidade, a somatória dessas realidades aumenta a dimensão dos problemas que nós temos que enfrentar.

E eu lembrava que era importante que tivesse acontecido, na minha vida, o que aconteceu, para poder percorrer este país, durante quase quatro anos, andando de ônibus, de trem, de barco, percorrendo 91 mil quilômetros.

Vocês estão lembrados que num passado muito distante, o Prestes resolveu fazer a Coluna Prestes e, depois de conhecer os problemas do Brasil, ele resolveu que tinha que virar comunista para resolver os problemas do Brasil. Eu resolvi virar Presidente da República para ver se era possível fazer aquilo que eu entendia que precisaria ser feito.

E também me lembrava do tempo em que eu era diretor-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC – isso eu já contei para alguns, mas como eu nunca vi vocês todos juntos, vou contar outra vez, porque não sei se nós vamos nos encontrar este ano outra vez. Eu fui presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, e os metalúrgicos do ABC tinham 16 dentistas, e desde aquele tempo eu era indignado com o tratamento que a saúde bucal tinha no nosso país.

Os metalúrgicos, por exemplo, que eram uma categoria considerada de padrão médio, se levasse em conta o conjunto da classe trabalhadora brasileira, nós não tínhamos o direito de fazer tratamento de canal, porque era um tratamento caro, então o Sindicato não oferecia tratamento de canal. Naquele tempo, o Sindicato oferecia duas coisas, na verdade, obturação de um dente e extração. E tinha um hábito, até, que talvez muitos de vocês não acreditam, é que, quando se extraía um dente, naquele tempo se ganhava o dia, você não ia trabalhar e o dentista dava o atestado médico para você não perder o dia. E tinha pessoas que iam no dentista e nem discutiam o problema do dente, mandavam extrair o dente, por quê? Porque ele tinha faltado na segunda-feira, se ele perdesse, ele perderia logo a segunda e o domingo, ele



perderia dois dias. Então, ele falava: com tantos dentes que eu tenho na boca, o que significa tirar um e ganhar o dia? Era exatamente assim que acontecia.

Depois as empresas faziam convênios de assistência médica. E outra coisa que me incomodava era que nos convênios, as empresas conveniadas não se obrigavam a cuidar dos dentes. Tudo isso me incomodava, e muitas vezes brigamos com as empresas que prestavam assistência médica à Volkswagen, à Mercedes, à Ford, e a tantas outras, porque a boca não era considerada uma parte do corpo humano, quando se falava de saúde.

Mais para a frente, e foi essa uma das razões pelas quais eu disse ao companheiro Humberto Costa, na época, que era preciso fazer o maior esforço possível para que a gente colocasse o tratamento odontológico como uma questão de saúde pública no Brasil, era pelo fato de eu ter ido fazer um debate, há muito tempo atrás, num centro muito especializado em São Paulo, no Incor. E eu lembrei que, quando eu falei de inclusão do tratamento odontológico como saúde pública, as pessoas estranharam, ou seja, não era uma coisa comum. E as pessoas davam como normal o fato de que dentista é dentista, cuida de dentes, e saúde é outra coisa.

Depois eu tive um outro choque, meu caro Agenor, meu caro Humberto e meu caro Pucca, quando eu fui a Portugal. A primeira vez que fui a Portugal, em 1988, eu me deparei com uma realidade que eu não sabia que existia, ou seja, os dentistas em Portugal não faziam universidade de odontologia. Eles eram médicos, faziam um ano de aperfeiçoamento – não sei como é que chamam isso, de pós-graduação –, faziam medicina e, depois que faziam um ano, viravam dentistas. E os dentistas brasileiros que estavam lá, passaram a virar os “bambambans” no tratamento odontológico em Portugal, mas era proibido o dentista brasileiro trabalhar. Então, funcionava como se fosse “bagrinho”. O dentista brasileiro era contratado por um dentista português, não podia ser oficializado, portanto, ele trabalhava como trabalha um “bagrinho” no Porto de Santos, no Porto de Paranaguá ou no Porto de Belém, ou seja, ele era



chamado para prestar um serviço para o dentista português e ele não podia montar um consultório próprio. Eu me lembro que isso foi em 1988, eu me lembro que eu trouxe a demanda aqui para o Brasil, eu era deputado federal, conversamos na época com o Ministério da Saúde. Mas isso demorou para ser resolvido, é uma coisa impressionante a autodefesa das categorias, que aqui no Brasil também tem, é uma coisa que só muito debate vai resolver esse problema, porque é uma autodefesa, que eu acho, às vezes, desnecessária.

Pois bem, por que eu estou contando tudo isso? Porque esse conjunto de coisas que foram acontecendo na minha vida me permitiram enxergar que não era possível o Brasil ser justo, no tratamento da saúde do povo brasileiro, se um cidadão que estava com a unha encrava podia ir a um convênio médico e ser tratado, e tudo bem. E esse mesmo cidadão, que tinha uma dor de dente que incomodava mais que a unha encravada, não tinha o tratamento. E somente quem já teve dor de dente sabe o que é uma dor de dente. Eu quero dizer para vocês que eu penso que dor de dente é coisa de pobre, o dente do rico não chega a doer, ele trata antes. Ou ele cuidou do dente na infância, na adolescência, em algum momento ele cuidou do dente, porque ele não teve dor de dente. Ele nunca teve que mascar fumo, ele nunca teve que encher um algodão com álcool e enfiar no buraco do dente para parar a dor, ele nunca teve que ir em benzedeira para benzer o dente, e tantas outras coisas. Até criolina em dente o pobre coloca neste país, para evitar a dor de dente. Então, meu Deus do céu, se essa é a realidade do nosso país e, se andando pelo Brasil inteiro, nós encontrávamos – não eram pessoas de 80 anos, de 70 anos, de 50 anos, de 60, de 40 – eram meninos e meninas de 18, 19 anos, até menos, às vezes, sem poder sorrir. Quando sorriam, colocavam a mão na frente da boca para ninguém ver que não tinham mais dentes. Enquanto vai perdendo os dentes de trás, não tem problema. Mas quando começa a perder os da frente, as pessoas vão deixando de ser o que são porque não podem



mais sorrir, não podem mais conversar. Imaginem isso em uma menina de 20 anos, imaginem um jovem de 19 anos perder um dente da frente.

Então, isso foi me incomodando até que eu virei presidente da República e falei: Humberto, nós temos que resolver este problema. Nós temos que resolver, custe o que custar, não vamos ficar discutindo preço, não vamos ficar discutindo se é caro. Eu ia a Cuba, Cuba é um país mais pobre do que o Brasil e as crianças mais pobres de Cuba podiam colocar aqueles aparelhos que vocês chamam ortodontia, para corrigir os dentes. E por que uma criança pobre no Brasil não pode? Por que é uma coisa de classe média, até chique, às vezes? Coloca aquele monte de ferrinhos na boca e fica, às vezes, até mostrando que aquilo não é todo mundo que pode pôr. Isso é como o celular, no começo do celular, ter um celular era moda, as pessoas ainda hoje andam com ele na mão, parece um bem material chique demais.

Eu disse: é possível a gente fazer isso. Foi quando fomos a Sobral inaugurar o primeiro CEO. As coisas já podiam ter avançado mais. É que nem sempre o prefeito entende em um primeiro momento, às vezes ele acha que custa um pouco de dinheiro para ele e não quer fazer. Nós tentamos, desde o começo, já faz dois anos, dar um kit, em que a gente pudesse dar uma escova, dar uma pasta para as crianças mais pobres. Isso está uma guerra há dois anos: licitação, proibição, licitação, proibição. Tem sempre um recurso, tem sempre um processo. Parece que, no Brasil, há um tipo de gente que não gosta que se cuide de pobre. Há uma coisa maluca. Tudo o que você vai fazer é mais difícil, tudo o que você vai fazer é complicado porque tem sempre alguém tentando atrapalhar. E nós sabemos que tem ainda muita gente, neste país, que não tem uma escova de dentes, e muito menos pasta. Eu não sei se vocês sabem, mas ainda em muitos lugares do Brasil, as pessoas escovam os dentes com o dedo e com carvão. Em muitos lugares deste país. Porque tudo o que a gente tenta fazer é sempre complicado. Posso dizer para vocês que



fazer a coisa para os ricos é muito mais fácil do que fazer para os pobres. Essa é a estrutura do Estado brasileiro, essa é a cultura do Estado brasileiro.

E também me incomodava muito, meninos de 23, 24 anos de idade, que conseguiam fazer um curso de Odontologia, que era caro. Não eram todos os jovens que podiam fazer um curso de Odontologia. E aí, quando ele tirava o seu diploma, ele não tinha onde trabalhar. Ele trabalhava com a ilusão de que poderia montar um consultório, porque todo mundo pensa assim: “eu vou me formar médico, vou me formar dentista, vou me formar advogado, vou me formar psicólogo e vou montar um consultório, e vou ganhar muito dinheiro”. Só que ele não sabe que, para ganhar dinheiro, ele tem que ser bom, primeiro, precisa ser conhecido. As pessoas têm que ter dinheiro. Ele precisa fazer, como é que chama aí? Uma clientela, aí é que começa a dar dinheiro. E quantos jovens eu vi montarem consultório e três meses depois, Agenor, fecharem, porque chegava um pobre lá para fazer uma obturação, eles pediam, na época, eu não sei, 50 cruzados, 60, 70 cruzados, sei lá o que que era, e o cara, simplesmente, não tinha. Não tinha, e ele falava: “bom, se eu vou obterar esse dente, custa tanto, para arrancar quanto é que custa?”. Era só pegar o boticão e “meter brasa” ali, e tirava.

Ou seja, então, meus companheiros dentistas do Brasil, eu fico feliz, porque o Agenor, o Saraiva e o Humberto Costa demonstraram que é possível aquilo que parecia impossível, porque todo mundo acha muito difícil: “Não dá, isso é difícil, vamos deixar isso para lá, isso é complicado”. Quando um prefeito não quer, em vez de desanimar, nós temos que testá-lo mais uma vez, nós temos que pressioná-lo, até que a gente consiga convencer que muitas cidades podem fazer parceria com o governo federal e colocar um Centro de Tratamento Odontológico.

Vocês sabem que neste país, em muitos lugares do interior, as pessoas distribuíam dentadura em época de eleição. A gente contando isso, parece piada. Para um companheiro da imprensa de Brasília, ou de São Paulo, ou



para um cidadão de classe média que nasceu no centro do Rio de Janeiro, ele pensa que é piada a gente falar isso, mas é a pura realidade do nosso país. E a gente não pode combater isso apenas fazendo discurso, a gente combate isso fazendo políticas públicas inclusivas.

E eu acho que o Programa Saúde Bucal, denominado por esses meninos de Brasil Sorridente, já tem o reconhecimento de todos os dentistas brasileiros, já tem o reconhecimento de uma parte das pessoas que freqüentam os ambulatorios, porque é tudo bonitinho, tudo novo, tudo limpo, moças e rapazes todos muito alegres, tudo muito bonito, tendo um emprego garantido.

Mas, logo, logo, isso será de conhecimento de toda a sociedade brasileira. Aí, as pessoas vão perceber que tinha dinheiro... porque, também, as pessoas pensam que o que nós estamos fazendo é para pobre. As pessoas falam: “meu marido ganha 4 mil reais, como é que eu vou num dentista num CEO, como é que eu vou num Centro de Tratamento Bucal, essa coisa pública?”. Aí, quando ele entra lá, percebe: “Se eu não fosse ignorante, eu deveria ter vindo antes, não teria tido que arrancar meus dentes ou fazer uma obturação mais grave”.

Então, eu quero dizer para vocês que eu fico extremamente feliz pelo sucesso que nós alcançamos até agora. Eu sempre fico pensando que a gente poderia ter conseguido um pouco mais. Mas também a gente não pode ficar sempre exigindo a perfeição, se a gente errar menos do que a média já está contemplado o nosso desejo.

Nós vamos trabalhar, ainda temos tempo, podemos chegar aos 500 Centros. Mas o meu sonho é que a gente crie uma coisa tão forte na consciência da sociedade, mas tão forte, que quem quer que seja que governe este país, daqui a 20 ou 30 anos, saiba que é importante emprestar dinheiro para a empresa vir para cá, saiba que é importante dar dinheiro para o Ministério do Meio Ambiente, para o Ministério da Saúde, para fazer cirurgia, para comprar equipamento, para fazer reforma agrária, mas não esqueça



nunca que o tratamento da boca das pessoas é tão importante quanto cuidar da alma das pessoas, porque as pessoas serão muito mais alegres, a auto-estima será muito maior, e só quem não passou por isso é que não sabe.

Meus parabéns a todos vocês, de coração. Parabéns pelo sucesso até agora, certo de que o sucesso, no final do ano, será muito maior; daqui a dois anos muito maior, daqui a quatro anos muito maior. E eu penso que quem ganha com isso não é o governo, não é um dentista apenas, não é um funcionário, quem ganha com isso são 180 milhões de brasileiros que estão sendo tratados com decência e dignidade.

Muito obrigado e boa sorte.